

## **Aquaman: fluidez e hibridização<sup>1</sup>**

Claudio Faria MARQUES<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

Aquaman surgiu em 1941 nas histórias em quadrinhos e foi adaptado para o cinema em 2018. Neste artigo, são inicialmente avaliadas as reformulações que o personagem sofreu ao longo das décadas nos quadrinhos. Em seguida, são analisadas as cenas iniciais do filme, que retratam o contraste entre os mundos da superfície e aquático. Também são estudados autores, com destaque para Bauman, que utilizam a metáfora do líquido para se tentar compreender a contemporaneidade. O conceito flusseriano de bidimensionalidade e tridimensionalidade é aplicado ao filme em outro tópico. Por fim, o hibridismo de Aquaman e outros elementos de Atlântida recebem destaque.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquaman; cinema; fluidez; hibridização; líquido.

### **Introdução**

Aquaman surgiu em 1941 nas histórias em quadrinhos e foi adaptado para o cinema em 2018. Neste artigo, são inicialmente avaliadas as reformulações que o personagem sofreu ao longo das décadas nos quadrinhos. Em seguida são analisadas as cenas iniciais do filme, que retratam o contraste entre os mundos da superfície e aquático.

Também são estudados autores, com destaque para Bauman, que utilizam a metáfora do líquido para se tentar compreender a contemporaneidade. O conceito flusseriano de bidimensionalidade e tridimensionalidade é aplicado ao filme em outro tópico. Por fim, o hibridismo de Aquaman e outros elementos de Atlântida recebem destaque, remetendo ao tema do transumanidade.

### **As diferentes origens de Aquaman**

Surgido nas histórias em quadrinhos, Aquaman já passou por diversas reformulações desde sua primeira aparição até a atualidade. Criado pelo argumentista Mort Weisinger e o desenhista Paul Norris, o personagem estreou em 1941 na revista

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Doutorando do Curso de Comunicação da FCS-UERJ e jornalista do IBGE, e-mail: [cfmarx@gmail.com](mailto:cfmarx@gmail.com).

---

*More Fun Comics #73*. Na trama, um navio de passageiros é destruído por um submarino nazista e o herói surge para salvar os sobreviventes e derrotar os alemães. Essa primeira história já o mostra falando com animais marinhos e respirando embaixo d'água, mas sua ligação com a mítica Atlântida era bastante tênue. O próprio personagem narra sua origem:

“A história deve começar com meu pai, um famoso explorador submarino – se eu falasse o nome dele, você iria reconhecê-lo. Minha mãe morreu quando eu era bebê e ele se voltou para o trabalho de resolver os segredos do oceano. Sua maior descoberta foi uma cidade antiga, nas profundezas onde nenhum mergulhador jamais havia penetrado. Meu pai acreditava que era o reino perdido de Atlântida. Ele fez uma casa à prova d'água em um dos palácios e viveu lá, estudando os registros e dispositivos da maravilhosa sabedoria da raça. A partir dos livros e registros, ele aprendeu maneiras de me ensinar a viver sob o oceano, extrair oxigênio da água e usar todo o poder do mar para me tornar maravilhosamente forte e rápido. Por treinamento e uma centena de segredos científicos, me tornei o que você vê – um ser humano que vive e prospera sob a água” (tradução nossa)

Em suas primeiras aventuras, Aquaman era descrito como o soberano do mar, mas esse não era um título oficial. Sua base ficava em um antigo templo de Atlântida, onde ele mantinha um trono solitário e não possuía seguidores além de criaturas marinhas como peixes ou golfinhos. Os primeiros personagens coadjuvantes na história foram criaturas marinhas como Topo, um polvo de estimação.

A origem de Aquaman seria reformulada na revista *Adventure Comics #260*, de 1959. Agora ele era Arthur Curry, filho de Tom, um humano faroleiro, e Atlanna, uma rainha atlante. Ele cresce com o pai e descobre suas habilidades incomuns na juventude. A habilidade de falar com animais marinhos de outrora foi substituída por uma comunicação telepática que funciona mesmo a grandes distâncias, mas agora ele precisa entrar em contato com a água pelo menos uma vez por hora, sob o risco de morrer se não o fizer (essa limitação seria ignorada anos depois). Ao atingir a idade adulta, Arthur adota a identidade de Aquaman e se torna defensor dos oceanos.

Durante os anos 1960, o elenco de apoio de Aquaman começou a crescer. Ele adota Aqualad, um jovem órfão atlante que se tornaria seu parceiro de aventuras nos mesmos moldes de Batman e Robin. Entra em contato com Atlântida e acaba tornando-se o soberano daquele reino. Casa-se com Mera, a rainha de uma dimensão submarina, e com ela tem um filho, Arthur Jr., apelidado de Aquababy. Também surge Vulko, conselheiro e mentor do herói, entre vários outros coadjuvantes.

Nesse mesmo período ele também integra o grupo de heróis Liga da Justiça, sendo um dos membros fundadores. A primeira vez em que Aquaman aparece na capa de uma

---

revista é justamente na estreia do grupo em *The Brave and the Bold* #28, de 1960. Certamente era um dos personagens menos populares da equipe, que incluía medalhões como Superman, Batman, Mulher-Maravilha, Flash e Lanterna Verde. Aquaman era um personagem secundário em títulos que incluíam outros personagens, o que só viria a mudar em 1962, com a revista *Aquaman* #1.

Aquaman também fez aparições em desenhos animados da TV. Em 1967, ele foi um dos astros da série *The Superman/Aquaman Hour of Adventure*. Em 1971, estreou como membro da equipe Superamigos (*Superfriends*), animação produzida por mais de dez anos. Os desenhos ajudaram a aumentar a fama do personagem, mas também colaboraram para uma certa ridicularização, com o herói cavalgando cavalos marinhos gigantes no oceano ou ficando praticamente inútil quando afastado da água.

Nos quadrinhos, o personagem se afasta de Atlântida, transferindo o reinado para Vulko. Arthur Jr. é assassinado por Arraia Negra, um mercenário humano que utiliza um traje tecnológico de mergulho. O evento provoca um desgaste no casamento do herói, que acaba se separando de Mera. Ele passa a se dedicar integralmente à Liga da Justiça por um período, quando se torna líder da equipe, desligando-se do grupo em seguida para tentar reatar o relacionamento com Mera.

Em 1986, uma minissérie reconta a origem do personagem acrescentando elementos místicos para sua mitologia. Mas em 1989 a publicação *Legend of Aquaman* mostraria uma nova origem para o herói. Ele nasce na cidade atlante de Poseidonis como Orin, filho da rainha Atlanna com o misterioso feiticeiro Atlan. Ainda bebê, foi abandonado para morrer por causa de seu cabelo loiro, visto pelos supersticiosos atlantes como sinal de uma maldição. Ele passa a viver como uma criança selvagem com criaturas do mar até ser encontrado e recolhido pelo faroleiro Arthur Curry, que lhe colocou o nome de Arthur Curry Jr.

Orin retorna para os mares permanecendo fora da vista da humanidade por um tempo, até descobrir Poseidonis. Ele é capturado pelo governo ditatorial da cidade e colocado em uma prisão, onde conhece Vulko, também prisioneiro do estado, que lhe ensina o idioma e os costumes dos atlantes. Foge para a superfície, onde se torna o herói Aquaman, e depois retorna para Poseidonis, onde se torna rei e se casa com Mera, seguindo daí em diante com uma história semelhante à da origem anterior.

Essa origem é mantida por algum tempo. Aquaman perde a mão esquerda e a substitui por um arpão. Com visual e atitude mais selvagens, ele se consolida como um

---

rei guerreiro ao unir os reinos perdidos de Atlântida, que se torna uma potência com participação nas Nações Unidas. Várias reviravoltas acontecem, como o desaparecimento de Atlântida, o afundamento da cidade californiana de San Diego (com seus habitantes passando a respirar na água) e a transformação de Aquaman em uma criatura mística, sendo todos estes eventos revertidos em um ou outro momento. Aquaman morre e posteriormente volta à vida com a mão reconstituída e o visual clássico.

Por fim, Aquaman sofreria mais uma reformulação. Em 2011, seu título é relançado confirmando que o herói é novamente o filho do faroleiro Tom com a rainha atlante Atlanna. Essa nova fase do personagem é a que serve de inspiração para o filme lançado em 2018.

Um dos maiores inimigos de Aquaman é seu meio-irmão Orm, o Mestre dos Oceanos. Sua origem também foi modificada com o passar dos anos. Na sua primeira aparição, em 1966, ele era filho do faroleiro Tom Curry com outra humana (Orm era humano e Aquaman era híbrido). Depois de 1989, ele passa a ser filho do feiticeiro atlante Atlan com uma humana (Orm era híbrido e Aquaman atlante). Por fim, após 2011, vira filho de Atlanna com um atlante (Orm passa a ser totalmente atlante e Aquaman volta a ser híbrido).

Aquaman foi lançado em 1941 pela editora que viria a se tornar a DC Comics, mas dois anos antes a editora que se tornaria a Marvel Comics lançou um personagem muito semelhante: Namor. Este possuía características que seriam cada vez mais adaptadas para a história de Aquaman, especialmente no que tange à origem híbrida e à ligação monárquica com Atlântida. Mas uma diferença notável é que Namor sempre foi efetivamente um atlante compromissado com os interesses de seu povo aquático, sem se importar muito com sua herança humana. Já Aquaman cresce junto com os humanos e possui uma forte ligação com os dois povos que lhe deram origem.

Apresentadas as bases utilizadas para montar o personagem nos quadrinhos, analisaremos a seguir o filme de Aquaman.

### **Prelúdio do filme: os dois mundos**

Lançado em 2018, o filme Aquaman é dirigido por James Wan e estrelado por Jason Momoa no papel principal. Como várias outras obras do cinema, Aquaman segue quase à risca os doze estágios da jornada do herói tal como preconizadas por Christopher Vogler (2006): mundo comum; chamado à aventura; recusa do chamado; encontro com

o mentor; travessia do primeiro limiar; testes, aliados e inimigos ou a barriga da baleia (ele literalmente se refugia na boca de uma baleia em determinada parte do filme); aproximação da caverna oculta; provação; recompensa; caminho de volta; ressurreição e retorno com o elixir. O trabalho de Vogler é uma condensação das etapas do monomito elaborado por Joseph Campbell em *O Herói de Mil Faces* (2013).

A história se inicia em 1985, no Maine (EUA), mostrando o primeiro encontro dos pais do herói. Tom Curry, um faroleiro, socorre Atlanna, rainha de Atlântida, ao encontrá-la desmaiada no litoral. Aquaman narra as cenas que contam sua origem, sempre fazendo referências ao contraste entre os mundos aquático e da superfície:

Júlio Verne escreveu: “Coloque dois navios em mar aberto, sem ventos ou maré, que eles se encontrarão”. Foi assim que meus pais se conheceram. Como dois navios destinados um para o outro. Eles eram de mundos diferentes. Mas a vida, como o mar, tem um jeito de unir as pessoas. Ela fugiu de um casamento arranjado, deixou o mundo dela todo para trás. Mas, no farol do meu pai, ela encontrou algo inesperado. E meu pai encontrou o amor da vida dele.

O escritor francês Júlio Verne é um dos precursores da ficção científica, tendo previsto em seus livros diversos avanços, como a chegada do homem à lua e a invenção de máquinas voadoras. Uma de suas obras mais famosas é *Vinte mil léguas submarinas*, publicada em periódicos entre 1869 e 1870, e como livro com ilustrações em 1871. Nesta história, Verne prevê a criação dos submarinos ao narrar a longa viagem do Nautilus sob o comando de Capitão Nemo. O livro já foi adaptado para mais de uma dezena de filmes desde 1905. Uma das passagens mais emblemáticas da obra é o confronto com uma lula gigante. Curiosamente, o próprio submarino foi caçado pelos habitantes da superfície ao ser confundido com algum tipo de monstro marinho, já que Nemo utilizava o Nautilus para provocar desastres em navios e embarcações.

A citação que trata sobre o encontro de navios é uma metáfora para o encontro dos pais de Aquaman, que simbolizavam mundos opostos. A humanidade não tem conhecimento sobre Atlântida, que se isola do povo da superfície. Qualquer tipo de união entre esses povos parecia improvável, mas o casal geraria o filho batizado como Arthur, nome sugerido pelo pai:

Tom: “Por causa da lenda. Ele é um rei, não?”

Atlanna: “Ele é mais que isso. É a prova viva que nossos povos podem coexistir. Ele pode unir nossos mundos um dia.”

Soldados atlantes apareceriam para resgatar Atlanna, que decide retornar à Atlântida para proteger Tom e seu filho. Ao se despedir, ela afirma: “De onde venho, o mar leva nossas lágrimas”. E Tom responde: “Aqui não. Aqui, nós as sentimos”. Na

sequência, alguns anos depois, é mostrada uma excursão escolar no aquário da cidade em que alguém comenta: “Toda a vida, veio do mar. Então, se quisermos entender quem somos, devemos viajar para onde tudo começou. Hoje, temos mapas de Marte melhores que do fundo do mar...”

Como foi possível constatar, o contraste entre o mundo aquático e o mundo da superfície é uma questão central para o filme. Vários autores utilizam o líquido como metáfora para descrever nosso mundo atual, como será demonstrado a seguir.

### **A metáfora do líquido**

Thomas Sutherland (2013) demonstra que é comum o uso de metáforas do “fluxo”, “fluidez” e “liquidez” para fundamentar as maneiras pelas quais a velocidade e a mobilidade formam a base para um novo tipo de informação ou sociedade em rede:

Nossa “sociedade é construída em torno de fluxos”, afirma Manuel Castells (2010: 442), que é certamente o maior responsável por popularizar tal imagem (...). Esse conceito é notavelmente comum na teoria social, aparecendo nos trabalhos de Manuel DeLanda (1992), Stephen Bertman (1998: 122), Zygmunt Bauman (2000), Michael Hardt e Antonio Negri (2000), John Urry (2000), Scott Lash (2002), Steven Shaviro (2003) e Christian Fuchs (2011), entre muitos outros. Em todos esses casos, os fluxos são, como argumenta John Tomlinson (2007: 75), “implantados para apreender a ontologia social da modernidade recente” (SUTHERLAND, 2013, p. 3-4, tradução nossa).

Para Sutherland, a noção de fluxo como utilizada na teoria social é profundamente metafísica por natureza e precisa ser julgada como tal. Ele defende que o conceito de fluxo privilegiaria injustamente o processo de tornar-se e, como resultado, seria incapaz de explicar a materialidade, a substancialidade e a agência dos objetos que estão sendo mobilizados, e a contingência de sua mediação. Essa “metafísica do fluxo” postularia as tendências aceleradas do capital como uma inevitabilidade ontológica, descontando assim a resistência a tais forças, e ignoraria a faculdade humana da razão e do pensamento especulativo no desenvolvimento de meios alternativos de práxis política. A solução não seria abandonar os relatos metafísicos da sociedade em rede, mas sim desafiar aquelas contas que, ao exibir um empirismo grosseiro, trabalham para justificar o *status quo*.

Ben Woodard (2013) afirma que o capitalismo absorveu os campos privilegiados que nos levam a um mundo da pura fluidez e em permanente aceleração:

A ativista ambientalista, conservacionista e bióloga marinha Rachel Carson disse uma vez que quando a vida chegou à terra milhões de anos atrás, trouxe consigo um pedaço do oceano. Um dos constrangimentos construtivos estranhos de estar em uma terra cheia de coisas foi o eventual nascimento do comércio e da dívida. A economia, amplamente interpretada (e de olhos esquizoanalíticos), ameaça, em

um sentido teórico, nos levar de volta ao mar através de um progresso tecnológico desvinculado na forma do aceleracionismo capitalista de ambos. Sob essa construção metafórica, a tecnologia e o capitalismo amplamente compreendidos são aqueles campos privilegiados que nos levam a um mundo de pura fluidez, mas haveria uma louca ou louco da teoria à altura da tarefa de navegar nessas águas? Muitos teóricos contemporâneos (Sadie Plant, Luciana Parisi, Nick Land) absorveram o “fluxo frenético” de um deleuzianismo hiperbólico, sugerindo uma saturação material, e não meramente libidinal (*a la* Lyotard) da solução (WOODARD, 2013, p. 80-81, tradução nossa)

Emanuele Coccia (2018) comenta que a vida provavelmente surgiu no meio líquido (a “sopa primordial”) e desenvolve ideias complexas a partir dessa premissa:

Se todo vivente só pode existir no interior de um meio fluido, é porque a vida contribui para constituir o mundo como tal, sempre instável, sempre tomado por um movimento de multiplicação e diferenciação de si. O peixe é, a partir de então, não apenas uma das etapas da evolução dos seres vivos, mas o paradigma de todo ser vivo. Assim como o mar, que já não deve ser considerado unicamente como um ambiente específico a certos seres vivos, mas como uma metáfora do próprio mundo (...). Todo ser que já não pode separar repouso e movimento também não pode opor contemplação e ação. (...). Ao contrário, o mundo para um ser imerso – o mundo em imersão –, propriamente falando, não contém verdadeiros objetos. Tudo é fluido nele, tudo nele existe em movimento, com, contra ou dentro do sujeito (...). O mundo da imersão é uma extensão infinita de matéria fluida em graus de velocidade e de lentidão variáveis, mas também, e sobretudo, de resistência ou de permeabilidade. Pois, no movimento, tudo visa a penetrar o mundo e a ser penetrado por ele (COCCIA, 2018, p. 35-36)

Por fim, chegamos a Zygmunt Bauman, um autor prolífico com mais de 40 livros traduzidos para o português. Buscaremos aqui não realizar uma análise exaustiva de sua obra, mas apenas traçar um panorama de como a metáfora da fluidez foi utilizada pelo autor para analisar diferentes aspectos da contemporaneidade. Bauman cunhou o termo *Modernidade Líquida* (2001) buscando denunciar um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível. Para ele, a modernidade imediata é leve, líquida, fluida e infinitamente mais dinâmica que a modernidade sólida que suplantou:

Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo (...). Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa (...). Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam” são “filtrados”, “destilados” diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de “leveza” (...). Associamos “leveza” ou “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos

---

captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade (BAUMAN, 2001, p. 8-9)

Bauman procura esclarecer como a transição da modernidade sólida para a líquida acarretou profundas mudanças na vida humana e repensar os conceitos e esquemas cognitivos usados para descrever a experiência individual e sua história conjunta:

A desintegração da rede social, a derrocada das agências efetivas de ação coletiva, é recebida muitas vezes com grande ansiedade e lamentada como “efeito colateral” não previsto da nova leveza e fluidez do poder cada vez mais móvel, escorregadio, evasivo e fugitivo. Mas a desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder, que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga. Para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado (BAUMAN, 2001, p. 21-22)

Em *Amor Líquido* (2004), Bauman investiga de que forma nossas relações tornam-se cada vez mais flexíveis, gerando níveis de insegurança sempre maiores. Para o autor, a prioridade a relacionamentos em redes virtuais, que podem ser tecidas ou desmanchadas com igual facilidade, faz com que as pessoas não consigam mais manter laços a longo prazo. E não apenas as relações amorosas e os vínculos familiares estariam afetados, mas até mesmo a capacidade de tratar estranhos com humanidade. Como exemplo, o autor examina a crise na política imigratória de diversos países da União Europeia e a forma como a sociedade tende a creditar seus medos, sempre crescentes, a estrangeiros e refugiados.

Modernidade Líquida e Amor Líquido são os livros mais difundidos de Bauman, mas o tema da fluidez na existência contemporânea continuou a ser desenvolvido em outras obras. *Vida Líquida* (2007a), o livro seguinte, é um compêndio dos efeitos que a atual estrutura social e econômica, com base no que é descartável e efêmero, geraria na vida, seja no amor, nos relacionamentos profissionais e afetivos, na segurança pessoal e coletiva, no consumo material e espiritual, no conforto humano e no próprio sentido da existência. A precificação generalizada da vida social e a destruição criativa própria do capitalismo suscitariam uma condição humana na qual predominam o desapego, a versatilidade em meio à incerteza e a vanguarda constante do eterno recomeço:

A “vida líquida” e a “modernidade líquida” estão intimamente ligadas. A “vida líquida” é uma forma de vida que tende a ser levada à frente numa sociedade líquido-moderna. “Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A

vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo (...). Em suma: a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante. As preocupações mais intensas e obstinadas que assombram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar de rumo antes de tomar um caminho sem volta. A vida líquida é uma sucessão de reinícios, e precisamente por isso é que os finais rápidos e indolores, sem os quais reiniciar seria inimaginável, tendem a ser os momentos mais desafiadores e as dores de cabeça mais inquietantes (BAUMAN, 2007b, p. 7-8)

*Tempos líquidos* (2007b) apresenta uma reflexão Bauman sobre a insegurança, sobretudo nas grandes cidades. São apresentados cinco desafios inéditos para os tempos atuais:

Em primeiro lugar, a passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” – ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam (...).

Em segundo lugar, a separação e o iminente divórcio entre o poder e a política (...). Abandonadas pelo Estado, essas funções se tornam um playground para as forças do mercado, notoriamente volúveis e inerentemente imprevisíveis, e/ou são deixadas para a iniciativa privada e aos cuidados dos indivíduos.

Em terceiro lugar, a retração ou redução gradual, embora consistente, da segurança comunal, endossada pelo Estado, contra o fracasso e o infortúnio individuais retira da ação coletiva grande parte da atração que esta exercia no passado e solapa os alicerces da solidariedade social (...).

Em quarto lugar, o colapso do pensamento, do planejamento e da ação a longo prazo, e o desaparecimento ou enfraquecimento das estruturas sociais nas quais estes poderiam ser traçados com antecedência (...).

Em quinto lugar, a responsabilidade em resolver os dilemas gerados por circunstâncias volúveis e constantemente instáveis é jogada sobre os ombros dos indivíduos (BAUMAN, 2007b, p. 7-10)

Em seguida, Bauman afirma em *Medo Líquido* (2008) que o ser humano vive em meio a uma ansiedade constante devido ao fim das certezas da modernidade sólida, com medo de perder o emprego, da violência urbana, do terrorismo e da exclusão. Um dos resultados seria a *Vigilância Líquida* (2014), quando nos tornamos servos voluntários de uma vigilância invisível (mas que nos vê) aos buscarmos proteção contra ameaças terroristas, contra a ação de hackers, e também contra os outros, os desconhecidos:

“Vigilância líquida” é menos uma forma completa de especificar a vigilância e mais uma orientação, um modo de situar as mudanças nessa área na modernidade fluida e perturbadora da atualidade. A vigilância suaviza-se especialmente no reino do consumo. Velhas amarras se afrouxam à medida que fragmentos de

dados pessoais obtidos para um objetivo são facilmente usados com outro fim. A vigilância se espalha de formas até então inimagináveis, reagindo à liquidez e reproduzindo-a. Sem um contêiner fixo, mas sacudida pelas demandas de “segurança” e aconselhada pelo marketing insistente das empresas de tecnologia, a segurança se esparrama por toda parte (BAUMAN, 2014, p. 10)

Vimos aqui que vários autores desenvolveram reflexões sobre o uso do líquido como metáfora para se pensar a contemporaneidade. Especial destaque foi dado a Bauman, que desenvolveu o conceito de modernidade líquida e derivações como amor líquido, vida líquida, tempos líquidos, medo líquido e vigilância líquida.

Claro que o filme de Aquaman não tem a pretensão de abordar temas complexos como o da modernidade líquida, mas não deixa de ser curioso como de certo modo o filme apresenta o contraste entre os mundos sólido e líquido. Não à toa, uma das sequências se passa no deserto do Saara, um dos locais mais secos do mundo. E a função de Aquaman é servir como uma ponte que unirá esses dois mundos. Retornaremos agora à análise do filme, verificando como nele funcionam a bidimensionalidade e a tridimensionalidade flusserianas no mundo submarino.

### **Mundo aquático bidimensional ou tridimensional?**

O filme de Aquaman é bem-sucedido em mostrar Atlântida como um mundo diferente do nosso. A estética é exagerada e até mesmo cafona, com uso intenso de luzes e cores. Funciona bem para a proposta, dando uma sensação de estranheza e algum contraste com as cidades da superfície.

O objetivo do filme não é o de criar um mundo cientificamente correto e a história claramente se aproxima muito mais da fantasia do que da ficção científica. E um detalhe que chama a atenção nas cenas submarinas, especialmente em Atlântida, é que tudo tende a funcionar de modo bidimensional. A diferença entre os modos bidimensional e tridimensional é abordada por Flusser:

Se observarmos o voo dos pássaros, estamos na presença de corpos que se movimentam livremente nas três dimensões do espaço, e que assumem atitudes tridimensionais em todos os seus gestos. Não apenas “subir” e “descer” é equivalente ao “para trás”, “para frente”, “para a direita” e “para a esquerda”, mas “inclinar a asa” é equivalente a “virar a esquina”. Estamos na presença de seres que devem tomar, em toda situação dada, decisões entre um número muito maior de alternativas que seres terrenos: as diagonais que se oferecem como caminhos de fuga ou de ataque a pássaros não formam círculos, mas esferas. O pássaro em voo não é, como o é o animal terrestre, centro de estrutura vital de círculos interferentes, mas de esferas interferentes. As formações de aves em migração obedecem às regras da geometria tridimensional, e o “misterioso” sentido de orientação das aves é misterioso para nós, porque se orienta dentro das três

---

dimensões do espaço. “Voar como pássaro” seria poder movimentar-se, decidir-se, organizar-se e orientar-se na tridimensionalidade (FLUSSER, 1979, p. 33-34)

Flusser destaca as diferenças e semelhanças da percepção e movimentação de animais aéreos, terrestres e aquáticos:

Os animais terrestres, e mais particularmente o homem, não são inteiramente privados da abertura em direção ao espaço aberto. Mas a “terceira” dimensão não passa de uma série de epiciclos superpostos sobre o plano. Os movimentos das pernas, dos pescoços e dos rabos são investidas para dentro da terceira dimensão a partir do plano. E os sentidos, e mais especialmente a vista, são órgãos que recolhem informações vindas das três dimensões sobre um ponto no plano. Para os animais terrestres, inclusive o homem, o espaço é um oceano que banha a ilha plana que habitam. Daí a semelhança entre pássaro e peixe: ambos são habitantes do oceano-espaço. Pássaros nadam no ar, como peixes voam na água. A diferença é que o voo do pássaro salienta a liberdade do movimento espacial, e o nado do peixe salienta o seu condicionamento. O mito do peixe tem clima diferente do clima do mito do voo (FLUSSER, 1979, p. 33-34)

No filme, Atlântida era uma nação terrestre. Ela se afunda, mas, devido à magia, seus habitantes adquirem a capacidade de sobreviver embaixo d’água. Essa magia parece justificar a forma como os atlantes respiram, conversam, nadam e enxergam nas profundezas. Como foi um processo que aconteceu há milhares de anos, poderia se imaginar que a cidade e seus habitantes tivessem evoluído de um sistema bidimensional para um tridimensional. Entretanto, o que se observa na maior parte do tempo é que tudo transcorre de modo bidimensional.

A capital de Atlântida possui uma ponte de entrada, algo que não faz sentido em um mundo submarino. Uma justificativa provável para sua presença é a de apenas servir como mais uma metáfora da ligação entre mundos. Mas os habitantes e veículos na região quase sempre se locomovem horizontalmente.

Uma cena que chama a atenção é o encontro entre os reis Orm e Nereus no local que um dia foi o Conselho dos Reis. No diálogo, eles revelam que o reino marinho já foi composto por sete nações que constituíam o maior império do planeta, mas fragmentou-se em guerras internas. Um detalhe interessante da cena é que Orm aguarda com alguns seguidores a chegada de Nereus e, quando este chega, os dois “alçam voo” e admiram o local enquanto conversam. Como os personagens quase sempre se locomovem horizontalmente, chega a ser estranho o “voo” vertical e a flutuação dos dois reis. Mas eles apenas nadaram, o que deveria ser um modo padrão de movimentação desses habitantes do fundo do mar em vez de algo inusitado.

A cena de luta entre Aquaman e Orm no que se parece com um coliseu romano também causa estranhamentos parecidos. É constante a sensação de que eles precisam se

---

apoiar no chão, algo que não faz muito sentido em um contexto subaquático. A plateia da arena assiste a tudo sentada nos bancos. Por que simplesmente não flutuam em volta? E por que frequentemente os atlantes “andam” de forma ereta sob as águas?

Para um mundo fluido, parece que tudo ainda é bastante apegado ao modo sólido e horizontal de se viver. Mas, como já ressaltado, não é objetivo do filme criar uma situação cientificamente coerente. A adoção de um mundo com mais tridimensionalidade poderia causar estranheza para o público e a prioridade é oferecer diversão, sendo bem-sucedido nesse quesito. Analisaremos a seguir a questão do hibridismo em Aquaman.

### **Hibridismo e transumanidade**

O hibridismo do herói, como já fica claro nas cenas iniciais, é um dos motes principais da história. O fato de ele ser filho de um humano da superfície com uma atlante das águas e herdeiro do trono de Atlântida, cria a expectativa de que poderá unir os dois mundos. Isso não chega a se concretizar de fato. Ele até consegue se consagrar como líder dos reinos submersos, impedindo o conflito imediato com o povo da superfície, mas isso só ocorre no final do filme, sem que haja sequer a revelação para o mundo de que Atlântida existe.

Aquaman é, de certo modo, um híbrido de homem com peixe. Ele é o único personagem no enredo que consegue se comunicar com animais marinhos. O filme opta por abraçar isso de forma fantasiosa e sem medo do ridículo, sendo que Aquaman consegue entender o que as criaturas têm a dizer. Em determinada cena, o herói e Mera se escondem dentro da boca de uma baleia em referência a uma passagem de Pinóquio, e o animal avisa a Aquaman quando o perigo já passou.

Mas não é só o herói ou os atlantes que possuem características híbridas. Mera pilota um veículo que é praticamente uma mistura de submarino com peixe-leão (*Pterois*). O hibridismo entre veículos e animais aquáticos pode ser notado em outras situações. As vestimentas frequentemente apresentam elementos de animais marinhos, como escamas, sendo que um dos trajes de Mera é adornado com águas-vivas aparentemente... vivas.

Cavalos marinhos gigantes são utilizados como montarias pelos atlantes em clara referência ao antigo desenho animado da TV. Tubarões brancos (*Carcharodon*) e répteis aquáticos pré-históricos (*Tylosaurus*) também são utilizados como montarias. Eles são híbridos apenas na função, pois para todos os efeitos funcionam como cavalos de guerra. Também é possível ver tartarugas sendo usadas como animais de carga.

---

Atlântida mescla elementos da antiguidade com tecnologia futurística. A nação era composta por sete reinos que se separaram. Os habitantes de Atlântida e de Xebel são mais semelhantes aos humanos da superfície. Mera, filha do rei de Xebel, possui hidrocinese (capacidade de controlar a água com a mente), sendo a única personagem a demonstrar essa habilidade. É estabelecido que somente os membros da nobreza são capazes de respirar tanto na água quanto na superfície, sendo que outros atlantes necessitam de equipamento para respirar fora d'água, uma espécie de roupa de mergulho às avessas.

Há diferenças entre os habitantes dos outros reinos mostrados no filme. No reino dos Pescadores (*Fisherman* no original), uma sociedade de intelectuais, os habitantes são como sereias e tritões, ou seja, têm corpo de peixe da cintura para baixo. Eles também têm escamas e outras características de peixe espalhadas no restante do corpo. Já os habitantes do reino da Salmoura são uma mescla de humanos com crustáceos (caranguejos e lagostas). Possuem armaduras ósseas naturais, pinças no lugar das mãos e são capazes de falar, embora demonstrem atitudes selvagens. Por fim, os habitantes do Fosso são os menos humanos. Mesclados com peixes das profundezas abissais, possuem enormes bocas com longos dentes pontiagudos e agem como animais irracionais que atacam em bando. Aquaman é capaz de controlá-los telepaticamente em determinado momento do filme.

Por fim, merece menção a criatura chamada Karathen. Tido como lenda pelos atlantes, trata-se de um poderoso monstro do fundo do mar. Sua imponência e seu visual de humanoide com tentáculos remetem a ninguém menos que Cthulhu, a divindade abissal criada por H. P. Lovecraft em seu conto mais famoso (*The Call of Cthulhu*, de 1926). Já os moradores do Fosso remetem ao *Deep Ones*, raça de anfíbios humanoides criados por Lovecraft em outro conto (*The Shadow over Innsmouth*, de 1931). Durante as cenas iniciais do filme, é possível ver um livro do autor (*The Dunwich Horror*, de 1928) na habitação de Tom Curry.

A ideia de modificar humanos para que consigam viver em ambientes adversos como o fundo do mar pode vir a se concretizar no futuro. Movimentos como o transumanismo discutem a possibilidade de se aprimorar as capacidades físicas e mentais do ser humano por meio da ciência (BOSTROM, 2005), valendo-se de métodos como a manipulação genética ou a substituição de tecido biológico por apetrechos tecnológicos.

---

O objetivo da filosofia transumanista é alcançar o potencial máximo do ser humano, superando qualquer forma de sofrimento causado por envelhecimento, doenças e morte. As implicações éticas geram polêmica. Para entusiastas como Ronald Bailey (2004), o movimento simboliza as aspirações mais ousadas, corajosas, imaginativas e idealistas da humanidade. Já críticos como Francis Fukuyama (2004) alertam que o transumanismo defende ideias perigosas que podem acarretar o fim da humanidade.

Estará a espécie humana se encaminhando para hibridismos que o capacitariam a viver em meios inóspitos como o fundo do mar?

### **Comentários finais**

Verificamos que Aquaman surgiu nos quadrinhos em 1941 e passou por várias reformulações ao longo dos anos. Inicialmente era um humano dotado de habilidades especiais, depois passa a ser considerado um híbrido de humano com atlante, torna-se atlante puro e volta a ser um mestiço em sua última origem.

As cenas iniciais do filme de Aquaman destacam o contraste entre os mundos aquático e da superfície. Autores que utilizaram o líquido como metáfora para se pensar a contemporaneidade foram analisados em seguida. Especial destaque foi dado a Bauman, que desenvolveu o conceito de modernidade líquida e derivações como amor líquido, vida líquida, tempos líquidos, medo líquido e vigilância líquida.

Flusser e seus conceitos de bidimensionalidade e tridimensionalidade é utilizado como referência para se analisar a forma como o filme retrata a relação dos atlantes com o mundo aquático, basicamente de modo bidimensional.

O hibridismo de Aquaman, bem como de outros elementos de Atlântida, integra o último tópico. O tema remete à discussão sobre o transumanismo, movimento que busca alcançar o potencial máximo do ser humano por meio de alterações genéticas e melhorias cibernéticas.

Algo a se pensar sobre o filme de Aquaman é que ele cria uma série de expectativas que não se concretizam. A principal delas é a de ver o herói híbrido servir como ponte entre seus dois mundos. Apenas se cria a expectativa de que o contato entre Atlântida e a humanidade irá se concretizar na provável continuação do filme, como dá a entender a cena pós-créditos em que o vilão Arraia Negra se alia a um cientista para juntos descobrirem onde fica o reino submarino. Em Modernidade Líquida, Bauman comenta que o ser moderno é incapaz de parar e vive um eterno adiamento da satisfação (2001, p.

37), pois a sociedade altamente mutável não cessa a criação de novas possibilidades de prazer. Várias obras cinematográficas atuais apresentam essa característica, e com Aquaman não é diferente.

## REFERÊNCIAS

BAILEY, Ronald. Transhumanism: the most dangerous idea?. **Reason**. August 25, 2004. Disponível em: <<http://reason.com/archives/2004/08/25/transhumanism-the-most-dangero>>. Acesso em: jan. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007b.

\_\_\_\_\_. **Vigilância Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

BOSTROM, Nick. A history of transhumanist thought. **Journal of Evolution and Technology**. Vol. 14 Issue 1 - April 2005. Disponível em: <<https://nickbostrom.com/papers/history.pdf>>. Acesso em: jan. 2019.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2013.

COCCIA, Emanuele. **A Vida das Plantas: uma Metafísica da Mistura**. Florianópolis: Cultura & Barbárie, 2018.

FLUSSER, Vilém. **Natural:Mente: Vários Acessos ao Significado de Natureza**. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

FUKUYAMA, Francis. **Transhumanism: the world's most dangerous idea?** Foreign Policy, v. 144, p. 42-43, September 1, 2004. Disponível em: < <https://philosophy.as.uky.edu/sites/default/files/Transhumanism%20-%20Francis%20Fukuyama.pdf>>. Acesso em: jan. 2019.

RICCI, Denílson Earhart (org). **O mundo fantástico de H. P. Lovecraft**. Jundiaí: Clock Tower, 2014.

SUTHERLAND, Thomas. “Liquid Networks and the Metaphysics of Flux: Ontologies of Flow in an Age of Speed and Mobility”, em **Theory, Culture & Society** 30(5), 2013.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

WOODARD, Ben. “Oceanic Accelerationism”, em JOHNSON, Joshua. **Dark Trajectories: Politics of the Outside**, 2013, p. 80-96.